

# Sarney: Collor conta com boa vontade do País

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — O Senador José Sarney (PMDB-AP) defende uma união nacional que resulte na reformulação total da estrutura política do País. Ele constata que, ao contrário dele, seu sucessor, o Presidente Collor, conta com a boa vontade do Congresso e dos setores que, no seu Governo, resistiram ao pacto social, para resolver a crise brasileira.

— Está todo mundo cansado da crise. Todo mundo está procurando encontrar saídas para a crise. Existe uma boa vontade do Congresso para que se encontre uma solução política de governabilidade e de estabilidade — afirma Sarney.

O Senador evita comentar o relacionamento entre o Governador do Rio, Leonel Brizola, e o Presidente Collor, mas não se nega a falar da desenvoltura de Quéricia em se colocar como candidato à Presidência da República:

— Eu até não tenho muita autoridade para falar da candidatura do Quéricia porque ele mesmo disse que eu gosto muito do chá da Academia. Ele, naturalmente, não tem tempo para essas divagações do espírito. Ele é mais objetivo e sabe que, primeiro, tem que tomar o café do PMDB.

Os principais trechos da entrevista do Senador José Sarney:

■ **PARTIDOS** — Está evidente mais do que nunca que a grande crise nacional é política. Eu costumo dizer que os problemas econômicos são transitórios e os problemas políticos são substantivos. Mas não temos partidos políticos no Brasil. Os partidos políticos, em nível nacional, nunca existiram. A tradição brasileira é a de partidos estaduais. E agora, depois da democratização, estamos vivendo a atomização, a pulverização, a desintegração partidária. Sob este ponto de vista, o Brasil é um dos países mais atrasados em matéria política da América do Sul. Até o Paraguai tem partidos centenários. E se esses partidos não existem, também não existem programas, não existem lideranças, não existe atividade política consolidada. Isso faz com que os Governos tenham que viver do

seu dia-a-dia. A cada momento, eles tem que se legitimar e, ao mesmo tempo, buscar estabilidade dentro de fatos que são contingentes. E o Presidente da República, não tendo o respaldo de um grande partido, não tendo um programa partidário que possa executar, é obrigado a improvisar diariamente para manter os instrumentos de sustentação de que precisa para sobreviver. E isso dá um nível muito baixo à atividade política brasileira. Então, se buscamos alianças artificiais, como já assistimos, por exemplo, entre militares e empresários. No meu Governo, eu também busquei alianças de facções políticas com outras facções políticas e também não consegui porque não existiam partidos estruturais.

■ **CRISE** — O problema é de difícil solução, mas, pela primeira vez, estou vendo no País uma situação extraordinariamente singular: toda a classe política está consciente de que nós estamos vivendo a crise política. Todos nós estamos achando que o País não merece a crise que tem. Eu acho que a melhor definição é esta: estamos cansados da crise brasileira. Está todo mundo buscando saída para a crise.

■ **SOLUÇÕES** — O problema decorre em grande parte do sistema eleitoral brasileiro. O voto proporcional é desagregador. Ele não faz partidos políticos. Para que tenhamos partidos políticos temos que partir para o voto majoritário. No voto proporcional, o inimigo está dentro do partido. Em vez de democracia interna, os partidos vivem verdadeiras guerras internas permanentes, que não lhes permitem de nenhuma maneira a consolidação do quadro político. A Constituição foi feita num período de grandes ressentimentos. Foi uma Constituição marcada por interesses imediatos e marcada politicamente por eleição a cada ano. Foi uma Constituição muito corporativista, sem a perspectiva de uma Constituição para servir um grande País e direcionada para para os objetivos do País. Precisamos de uma reforma de grande profundidade que possa dar ao País a opção real sobre o parlamentarismo ou presidencialismo, de modo que a ad-



Em Brasília, Sarney caminha em companhia do médico Messias Araújo

*“Sem partidos com programas, lideranças e atividade política consolidada, o Governo tem que improvisar diariamente”*

ministração pública possa operar independentemente das crises e liberta da tutela da classe política. A modernização política do País passa por uma modernização do próprio Congresso e dos partidos políticos. Não um Congresso do discurso somente, mas um Congresso aparelhado, informatizado, que tenha condições de opinar com conhecimento de causa sobre as matérias que lhe são submetidas.

■ **UNIÃO NACIONAL** — Infelizmente, não tive condições políticas para fazer isso porque nós estávamos num período de transição e a prioridade era implantar a democracia e todo mundo estava preocupado em conquistar o poder. Nós tivemos eleições todos os anos e a atividade política era direcionada em torno dessas eleições. Nós agora sabemos que isso não é tudo. Por isso mesmo, acho que hoje há um

ambiente muito melhor do que aquele que vivemos.

■ **O PRESIDENTE** — Eu sei bem, porque fui Presidente, que o Presidente, só, não conduz. Isso tem que ser conduzido quando se estabelece um consenso geral. Naquela época, eu pensava assim. Estava desejoso que isso ocorresse. Mas, infelizmente, os outros setores não estavam amadurecidos para um projeto dessa natureza. Hoje não. Hoje eu acho que os próprios setores que naquela época resistiam a um projeto dessa natureza, estão abertos, estão esperando um projeto nesse sentido.

■ **SARNEYZAÇÃO** — Eu acho que ninguém pode excluir ninguém do País pelo fato de ter trabalhado num Governo. Eu tive muitos auxiliares que trabalharam em vários Governos. O que o Presidente busca sempre

— ninguém mais do que o Presidente busca isso — é acertar. O Presidente não tem a vocação de errar, ele tem o desejo de acertar. Então, ele deve buscar as pessoas experientes que julga mais capazes diante de determinadas circunstâncias. Neste momento, ele evidentemente quis colocar homens mais experientes. No momento em que se faz uma abertura do País para a área internacional, com a liberalização do nosso mercado, o Presidente deve ter pesado isso. Ele deve ter entendido que precisava de quem tivesse uma visão, uma experiência internacional, uma vivência desses problemas em nível global.

■ **GOVERNADORES** — Acho que tudo isso, política de governador, crise de partidos, faz parte da deformação que nós temos, da estrutura brasileira, da inexistência de partidos políticos. Quando se tem política de governadores é justamente para suprir aquele apoio definitivo que podia ter um partido político. Então desde o tempo de Campos Salles que eles buscam alianças episódicas para poder estabelecer o mínimo de condições de governabilidade. Essa submissão, os governadores serem obrigados a trocar apoio político em torno de soluções dos problemas de seus Estados, mostra o grau primário da atividade política brasileira. Essa deformação não é de hoje. A política de governadores foi fundada no princípio da República justamente para fugir dos partidos políticos. Quando Campos Salles lançou a política dos governadores ele dizia que era justamente para evitar a ação nefasta dos partidos políticos. Um dos fundamentos da política dos governadores é esta, aliás, uma deformação que existia nos Estados Unidos há 200 anos, mas foi superada.

■ **PMDB** — Eu acho que o Quéricia está fazendo um esforço extraordinário para ver se consegue o funcionamento do PMDB, que todos nós sabemos — e eu pertencço ao partido — saiu totalmente fragmentado e cometeu erros históricos durante esses últimos anos. Basta dizer que eu, Presidente da República, presidi as eleições dando ao PMDB 22 Governadores de

Estado, a maioria absoluta do Congresso Nacional, fato inédito na História do Brasil. Um grande partido hegemônico que seria o partido que teria feito a democracia. Em seguida, o PMDB resolve se desintegrar e foi a grande falha política. O PMDB é que devia ter comandado essa revolução política. Infelizmente ele não foi capaz de assumir essa responsabilidade perante a história. E o Quéricia está fazendo um esforço gigantesco de ressuscitar o partido, que, depois de tudo isso, ainda saiu como o maior partido na eleição. Mostra a potencialidade do PMDB. O Quéricia está vendo o problema com muita clareza. Se ele está agindo como candidato? Se está, não deixa de prestar um grande serviço ao País, tentando consolidar o seu partido. Ele sabe que se não tiver um partido a eleição fica difícil.

■ **BANCADA** — Eu não pretendo ter nenhuma hegemonia dentro do Congresso. Eu acho que sou um ponto de referência dentro do Congresso — não porque eu queira ser, mas pela vida política que eu fiz no País. E como ponto de referência, acho que nenhum Congresso, nenhum País, pode prescindir nem existir sem suas referências políticas, sem nomes que representem algumas referências políticas. E eu vou me conduzir dentro do Congresso procurando ajudar o País. Eu voltei à política pensando que ainda posso ajudar meu País. Ajudar com minha experiência, com minha vivência e sobretudo o fato de não ter nenhuma ambição política. Já fui tudo o que podia ser na política. O País já fez muito por mim. Eu não tenho nenhuma vinculação política com o Governo. Acho que devemos apoiar aquilo que seja bom para o País.

■ **QUÉRCIA** — Todo Governador, ex-Governador de São Paulo, é candidato nato à Presidência da República. Eu até não tenho muita autoridade para falar nisso porque o Quéricia disse que eu gosto muito do chá da Academia e ele naturalmente não tem tempo para essas divagações do espírito. Então, ele é mais objetivo. Ele sabe que primeiro tem que tomar o café do PMDB.